

# Stadium

N.º 64 ★ 23 de Fevereiro de 1944



**SPORTING-OLHANENSE.** Excelente "parada" de Abraão, com Peyroteo à ilharga... Entre outros jogadores, Grazina está pronto para auxiliar o seu voluntarioso guarda-rêdes.

(foto Nanes d'Almeida)

# PARA ENTRETER, enquanto as pistas descansam

## V — Carta aberta a um lançador de dardo

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

**E**SCOLHESTE, meu caro atleta, uma especialidade na qual só vais encontrar embaraços, tanto na aprendizagem como na preparação; terás grande, árduo e ingrato trabalho, para o qual o melhor guia será o teu próprio espírito de observação, pois não encontrarás em Portugal uma única pessoa capaz de te ensinar eficientemente a complicada técnica do lançamento do dardo.

Como sei que dispões de perseverança e muito entusiasmo pelo teu exercício preferido, confio na tua juventude e que aquelas virtudes servirão para alcançares os progressos que mereces. O dardo, de facto, não é lançamento que se comece a praticar depois de homem feito, porque obriga a uma adaptação — chamem-lhe anatómica — da articulação do cotovelo, praticamente impossível além do período da mocidade.

Não vou agora encher o precioso espaço desta carta com a descrição pormenorizada da técnica do lançamento, que podes ler em qualquer livro de atletismo com a suficiente clareza explicativa; conforme me pedes, limito-me a chamar a tua atenção para certos pormenores importantes e a indicar-te alguns exercícios elementares de aprendizagem, que te dêem a indispensável facilidade no manejo do dardo.

Ao contrário de todos os outros lançamentos a cujos praticantes se aconselha o treino de aprendizagem sem balanço, a prática de estudo do atirar o dardo só é vantajosa desde que abraja pelo menos a parte final da corrida, aquelas famosas quatro últimas passadas que todos os tratadistas descrevem com minúcia — e apresentam como a chave do exercício.

No entanto, apenas como exercício preparatório, e para adquirires o sentido de projecção do dardo, eu aconselho-te o lançamento sem balanço nas condições que te vou explicar: é importantíssimo para o resultado do lançamento *manter sempre o dardo no sentido da projecção e, ainda, que todas as forças impulsivas sejam aplicadas rigorosamente no sentido do eixo longitudinal do dardo.*

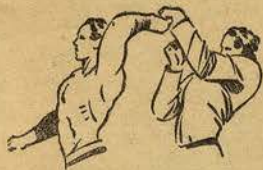
Sublinhei para que fixe bem este preceito fundamental, que te aconselho a reler e repetir tantas vezes até o saberes de cor e dêle te lembrares logo que pegues no dardo. Lembra-te também que o mínimo desvio na pega do dardo se traduz por considerável escallação na sua dianteira extremidade e, como não podes agarrar no dardo com firmeza, compreenderás a necessidade de apurar o sentido muscular para, em completa descontração, o mantêres, durante todo o trabalho complexo de projecção, sempre no mesmo plano vertical.

Li algures que o lançador bem adestrado deve ter, mesmo com os olhos fechados, a perfeita noção da posição do dardo; acho o conceito dos mais acertados.

É com este objectivo que me parece útil o tal exercício de lançamento sem balanço, que ao mesmo tempo podes aproveitar para análise do trabalho do braço por cima do ombro.

Arranja uma placa rectangular, de madeira, no género da tabela do «basket», e suspende-a num poste, a três ou quatro metros do solo, tendo o cuidado de a fixar sólida; depois traça no chão uma linha perpendicular ao plano transversal deste alvo — porque afinal é para alvo que vai servir — e sobre esta linha te colocaras, afastado meia dúzia de metros, na posição final de lançamento (pé esquerdo à frente, braço direito descido e recuado, dardo obliquamente inclinado para cima e para diante, atravessando em frente do corpo). Depois atira-o segundo os preceitos (a mão vem de traz para diante por cima do ombro e o braço projecta estendido), apontando-o à tabela, de maneira a lá ficar espetado em incidência perpendicular, e executando o exercício com violência crescente à medida que a prática aumenta. Para perceberes melhor, examina os bonequinhos da primeira figura, que mandei desenhar para ti.

Recomendo-te a máxima cautela com a preparação do braço, porque o cotovelo é sujeito a acções violentas em atitudes que põem à prova a elasticidade e resistência dos ligamentos articulares. Se queres conseguir bons resultados sem o perigo de distensões ou complicações dolorosas, é indispensável que sugites o braço a preparação especial.



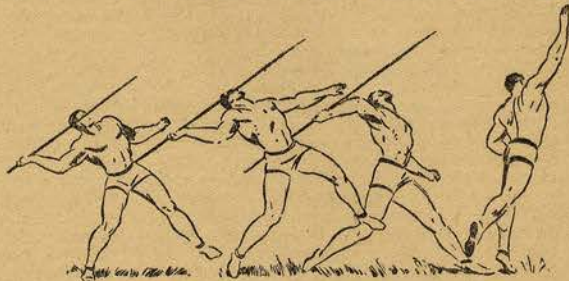
Recorre a um camarada para te auxiliar no exercício seguinte: coloca-te em posição a-fundo esquerdo em frente, estende o braço direito à rectangular e, na mão que devia segurar o dardo, prende a mão direita do ajudante, colocado atrás de ti. (Para melhor compreensão vai segundo a minha explicação pelo desenho da segunda figura). Dessa posição inicial puxa o braço para cima do ombro, como se fosses atirar o dardo, arrastando o ajudante, que

opará de início a resistência mas a aumentará com o andar do tempo.

Esta tracção com opposição, desde que seja feita no plano vertical conveniente, é o melhor dos treinos para o teu cotovelo e deve repetir-se muitas vezes e durante todo o período da tua preparação.

Quando começares o trabalho de lançamento com corrida não te julgues com obrigação de empregar grande velocidade; a corrida deve ser leve, ritmada, em cadência regular ou ligeiramente acelerada. Não há necessidade nenhuma de partir com quem vai disputar uns cem metros, para depois fatalmente travar o andamento nas últimas passadas que antecedem o tiro do dardo; perde-se, assim, todo o balanço, além do inconveniente de entrar para a fase decisiva do exercício contraído e em desequilíbrio.

Nunca treines o lançamento sem ter marcado no solo a linha limite e acostuma-te a não ultrapassares; tenho conhecido camaradas teus que durante os treinos se não penderam ao rigor de respeitar a linha limite — e sofrem depois nos concursos a amarga desilusão de



ficarem muito à quem das distâncias que habitualmente alcançavam.

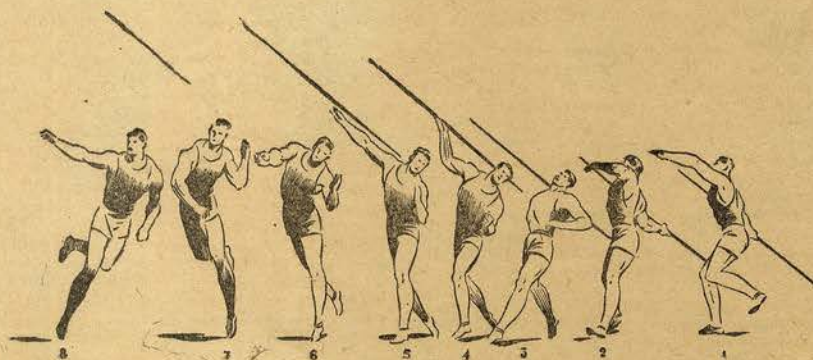
Não tenhas também a preocupação de aproveitar ao máximo o terreno que te é facultado, colocando o último pé esquerdo mesmo atrás do limite; procedendo dessa forma, perdes a possibilidade de aproveitar o mais poderoso dos elementos de impulso do dardo, que é o apoio do peso de todo o corpo. Enganas-te se imaginas que é o braço o centro de força activa para projectar o dardo: o braço figura como agente de transmissão, é a funda à qual o ombro, o tronco e o pé do corpo imprimem a força viva que éte guia e aproveita.

Se acompanhares com atenção as figurinhas do terceiro desenho, cópias fiéis da decomposição cinematográfica do último passo e da chicotada do braço, verifícas qu nto acima te disse, de de a trajectória do braço estendido até ao apoio total do pé do corpo, que vem à frente empurrando o dardo e obrigando depois, ainda, ao apoio anterior do pé direito, para travagem do impulso. Precias, portanto, de dispôr de metro e meio, aproximadamente, entre o ponto onde assentou o pé esquerdo e a fatídica tábu de limite.

A respeito da ginnástica especial cujas normas me pedes, aconselho-te todos os movimentos de mobilização articular do ombro (circunduções dos braços, por exemplo), exercícios de tronco, dorsais e abdominais, e trabalho com a «medicineball», que é excelente instrumento de preparação física para todos os atletas, seja qual for a sua especialidade.

Esquecia-me de te falar acerca do material... Se treinas no campo de futebol do teu clube, estás desgraçado: vai ser um nunca mais acabar de partir dardos; e como cada um custa bem bom dinheiro, a breve praso a direcção começa a repontar com a despeza a que a obrigas... Parece-me mais prudente, para o tempo de aprendizagem e para os exercícios de aperfeiçoamento, recorrereres a um dardo de bambú ou a uma ponta de castanho, do comprimento regulamentar, à qual adaptarás a ponta metálica de um velho dardo partido.

O efeito é o mesmo — e a economia considerável!



# O ATLÉTICO, NO PRIMEIRO PLANO DO FUTEBOL PORTUGUÊS

O valor do Olhanense mantém-se. O caso de Guimarães. Várias considerações

Por TAVARES DA SILVA

Às vezes — passam-se jornadas quasi sem nada a anotar. Tudo decorre normalmente. Os resultados aparecem como coisa natural. Diz-se então que não há surpresas. E as chamadas *surpresas* são necessárias nos torneios. Espevitam o interesse, deitando por terra as hipóteses mais bem fundamentadas. Complicam a classificação — embrulhando os números.

Os *teams* que seguem na cabeça do pelotão interessam-se edmente uns com os outros, esquecendo que os *teams* de menor pontuação também estão no campeonato — para exercer influencia nêle, de um domingo para o outro. É por isso que nada se pode dizer até o *último dia* do torneio. O passo aparentemente mais fácil transforma-se, pela força do jogo expressa, quantas vezes, num pormenor, no maior dos obstáculos. Tudo depende da ocasião, e não só da *forma* dos grupos como do seu estado psicológico. Há *teams*, por exemplo, que mostram especial queda para jogarem contra certo e determinado *onze*. Podem perder contra todos — que, contra um determinado, será difícil. Trata-se, quasi sempre, de qualquer velha questão clubista, que aguçá singularmente a rivalidade. Sobre estes despiques clubistas, e outras causas que não vem para o caso enumerar, assenta o *futebol de competição*.

Quem havia de dizer que o Atlético não só vence nas Salésias como se impunha em termos de revelar acentuada superioridade! Quere dizer: enquanto que o Belenense desce, ferido por várias derrotas seguidas e moralmente esfrangalhado (as tarefas de reconstrução moral são mais difíceis, por vezes, do que as técnicas), o Atlético continua a afirmar-se o *grande animador* do campeonato, não tendo ainda perdido a última palavra. O Olhanense, pelo contrário, também do escasso grupo dos dois animadores, está definitivamente afastado do título, embora haja a contar com o poder do seu futebol de ataque. Principalmente para aqueles clubes que são forçados a ver o lindo espectáculo das amendoiras em flor.

E, ainda: que o Vitória de Guimarães, com fraco papel no torneio, empatasse com o Benfica, um dos *leaders*! Isto só vem mais uma vez reforçar o conceito de que todos os encontros são difíceis, mas sobretudo aqueles que se disputam fora de casa. Os torneios ganham-se, é idéia que temos reflectido muitas vezes, com os pontos conquistados em casas estranhas. (Talvez seja a altura de lembrar a vitória do Sporting, em Olhão, e razão justificativa do actual posto dos *leões*).

Como nota, deve destacar-se a fuga da Académica do último posto.

O fim aproxima-se. O título de Campeão de Portugal, no entanto, mostra-se esquivo. Três clubes perseguem-no tenazmente. O Sporting, com dois pontos de vantagem, numa altura — o momento agudo da luta — em que o preço dos pontos subiu muito. Não se pode ir ao mercado. O Atlético e o Benfica estão juntos. Dois grupos diferentes, cada qual no seu estilo mas ambos dando-se de alma e coração ao jogo. O Benfica, sempre adversário perigoso pela sua fibra. *Team* que cresce, quando todos o dão combalido, operando prodigiosos. O Atlético que bem pode dizer-se a *grande afirmação desta época*, cuja subida redundou num grande serviço à causa do futebol. O clube que vai chamar à Tapadinha — já alargada nos pedes — no seu jogo contra o Sporting, daqui a quinze dias, um mundo de gente, que impôr-se, e tem-no conseguido, (as suas possibilidades, quanto ao título, são sérias) procedendo a inteligente tarefa de ordem técnica — que energia e vontade nunca faltaram lá por Alcantara. Enfim, o título está convenientemente resguardado. Os obstáculos são muitos. Porque há também a contar com os clubes que, medidos na prova, já não têm veleidades no que respeita à *classificação geral*, mas que sobremaneira gosarão com o mal praticado aos que têm possibilidades... Neste findar de prova — o perigo vem de todos os lados.

**Um grupo que vive do ataque não pode ganhar — adoptando tática defensiva**

O Sporting-Olhanense chamou ao estádio do Lumiar uma assistência digna dos *grandes encontros*, o que mais uma vez vem provar que um *team* terá sempre público desde que *acerte* na bola — mesmo porque as grandes massas clubistas de cor vermelha, ou verde, se deixam

contaminar, no fundo, pela idéia do jogo, e pela beleza e emoção que o futebol provoca.

Digamos desde já que o Sporting venceu com mais facilidade do que supnhamos. Em todos os sectores, nas grandes linhas gerais como nos detalhes da partida, a superioridade lisboeta foi incontestável. Porque tinhamos ainda a visão do Olhanense no Campo Grande, e talvez influenciados por essa imagem magnífica de jogo, entendemos ser de nosso dever afirmar que o Olhanense não rendeu metade do que então conseguiu realizar. Bem sabemos que, no futebol, o adversário é *forte*, quere dizer, que da actuação d'este, a forma como ataca ou se defende, isto é, das suas características, depende o comportamento do outro *onze*. E afigurou-se-nos, na verdade, que o Sporting é má equipa para grupos em que o desnível da defesa, em relação ao ataque, se verifica com uma nitidez que não engana.

Mas a verdade é que o Olhanense não podia ganhar o jogo, desde que, a partir do primeiro apito, a sua linha média se situou no terreno *daquela maneira*, tão atarrasada, que o bloco-grupo se dividiu em duas metades, cada uma com vida própria, por assim dizer. Adoptada esta posição no terreno — a sentença estava ditada. Até porque os homens do Sporting não são pessoas que possam invadir, sem perigo, a *area do remate* de qualquer grupo.

Compreendemos a *idíia defensiva* que os olhanenses traziam na cabeça. Os clubes da Província, vindo ao de cima do futebol português ainda há pouco, têm o pavor dos resultados volumosos, não só pela influencia psicológica que esses *números* exercem, como ainda pelos comentários que os grandes desníveis provocam. Tudo está certo. Mas um *team* que quere mostrar-se ao mundo, e, por acaso, *team* que assenta fundamentamente na linha de ataque — é ao ataque que tem de jogar. Quando não, tirando ao ataque quasi todo o seu valor, que fica?

Ora os médios esqueceram-se do *ataque* por completo. Este jogou — e bem — com graça, domínio de bola e uma ou outra rêssea de brilho em pensamento e jogada pessoal, ou quando buscou a bola, ou quando e-ta incidentalmente foi parar à sua zona de acção. E chega a admirar como, com esta tática algarvia, os *leões* não foram além dos três *goals* (dois de diferença)!

Sucedeu no Sporting precisamente o contrário. A célula medular da equipa portou-se como verdadeira medula. Jogando magnificamente, em toada energica e esforçada, com sacrificios em corridas e disputas de bola, variou o jogo como convinha. A defesa não deixou de ser auxiliada, como obriga a mecânica do *association*. De resto, a defesa sportinguista, por ela mesmo, é qualquer coisa que infunde respeito. E o ataque foi recordado pelos médios em todos os instantes — como o demonstra a toada offensiva que os lisboetas imprimiram ao encontro.

Certo, no seu desenvolvimento, o *ataque* cumpriu. Sem dúvida. Os cinco avançados, uns tarde mais feliz do que outros, e ainda numa tarde de remate desafortunado (Peyroteo tentou um *goal* só dado a mestres na arte de dar pontapés), fizeram o suficiente para se integrar devidamente, cumprindo a sua tarefa no bom conjunto sportinguista, que nos parece a nota a destacar. Os *teams*, hoje não são aglomerados de onze unidades autónomas, mas um bloco a que todos se acham presos por fios mais ou menos fortes. Voltam lo à idéia inicial, é de não esquecer a iniciativa da linha média sportinguista.

Pod' ainda dizer-se que só um clube podia ter ganho — o Sporting. Mas que não admiraria que os *números* fossem outros. Não vale a pena referir fenómeno tão vulgar no nosso

jogo; que se desperdiçaram ou inutilisaram várias das chamadas *oportunidades certas*. Sem referir uma arbitragem incoerente, que influenciou perniciosamente a partida. Trata-se, no fundo, de aspectos vulgares do jogo da bola.

**Mais um desafio com 2 faces — relativamente à qualidade do jogo**

O Porto-Vitória de Setúbal deu dois pontos à equipa do norte. Fundamental e praticamente — o que interessa! Todavia, não se nos afigura interrogação descabida: o campeão do Norte fez exhibição à altura do seu nome, deixando os seus adeptos convencidos de que as glórias do passado se avizinham a passos agigantados? Uma coisa se tem como certa.

Que a chamada *renovação* de um grupo é muito difícil pela heterogeneidade dos aspectos a ter em conta, desde a preparação física à moral do individuo. E que o *team* do Porto ainda não está sufficientemente caledado — tal leva seu tempo. Isso justifica os altos e baixos do grupo. Já não diremos de semana para semana, mas no próprio jogo, no caso portuense, conjunto de retalhos da melhor fazenda e outros de pano de fraca qualidade. Vá lá saber-se porque a máquina que fez uns — produziu os outros! Assim se compreende a primeira parte feita pelo Porto, e logo a seguir, em contraste, a segunda. É de notar que a *defesa* cimentasse aos poucos, com a entrada de Guilha, o qual de jogo a jogo demonstra estar em *retorno de forma* (não há nada como os termos técnicos para darem imagem futebolística).

O Vitória (Setúbal) portou-se bem, não se intimidando absolutamente nada. Atesta-o o primeiro tempo: *jogo de igual para igual*, isto é equilíbrio de forças e valor territorial equivalente. Na segunda parte, o Vitória de-cresceu, tendo a isso correspondido também a baixa do seu adversário. De sorte que este encontro do Lima pode dizer-se, com propriedade, *um desafio de duas faces*.

**Um empate que aparece como justa expressão do jogo**

Os *teams* devem estar treinados para jogar em todas as *dimensões*. As Regras consentem uma oscilação de medidas, e os treinadores bem o sabem.

O caso da relva é outro. Mas o das *dimensões* não passa de frouxa atenuante. Bem sabemos o que acontece nestes jogos como o Benfica-Vitória (Guimarães). Sem lá termos ido, estamos a ver o espectáculo. São jogos de fé, em que os jogadores locais, pela força irradiante do ambiente, se transformam e não parecendo os mesmos que actuam em Lisboa, por exemplo. É certo, que o Benfica se arresentou ainda, em Benheval, com uma falange numerosa. Mas o ambiente escalda sempre para o visitante.

Por outro lado os *teams* visitantes (caso Benfica na presente hipótese) ante o crescer do antagonista, em lugar de subirem — des-cem. Consentindo jogadas que, noutras condições, nunca seriam de consentir.

O empate aparece como uma expressão justa. Até o período final (último quarto de hora) o desafio apre-entou a toada perfeita de equilíbrio, com movimentos num e noutro campo, mais à base de energia do que em concepção de conjunto. O jogo desenvolveu-se com fogo, isto é, num ritmo de velocidade de endiabrado. Depois, nessa parte final o Vitória (Guimarães) foi mais perigoso, obrigando os lisboetas a cederem o comando da partida. Os de Guimarães não souberam traduzir, praticamente, o seu entusiasmo transbordante. Talvez em virtude de Martins ter executado duas defesas magistrais em situações últimas.

(Conclui na pág. 10)

# A GIMNASTICA e o DESPORTO NA FORMAÇÃO DO SAPADOR-BOMBEIRO

**L**ISBOA admira-os e deposita nêles confiança ilimitada. E bem pode orgulhar-se do batalhão destemido e nobre dos seus bombeiros, vidas sempre alerta para defesa e socorro de outras vidas. E seja em que emergência for, a qualquer hora, de dia ou de noite, os sapadores bombeiros estão sempre prontos a acorrer em auxílio da população, dando tudo por tudo, com brio e nobreza de sentimentos que constituem o mais belo exemplo de solidariedade humana. Ágeis e corajosos, estes homens, fazendo da profissão um sacerdócio, rodeiam a sua actividade de saudável optimismo, ao mesmo tempo que reforçam a sua meticolosa preparação técnica de cuidado e intenso treino de ginástica e desporto.

Quando as viaturas do Batalhão de Sapadores Bombeiros atravessam as ruas movimentadas da cidade não se supõe quão completa é a actividade dos seus elementos — vida profissional toda feita á base de força de vontade e energia, que requiere excepcional treino físico. Por isso a ginástica aplicada desempenha nêle missão de relêvo!

.....  
 Numa destas manhãs estivemos no quartel do Comando do Batalhão, na avenida das Côrtes, e pudemos então vêr a magnífica extensão da actividade ginástica e desportiva dos valorosos bombeiros.

Na parada superior do quartel — miradouro aberto sobre o casario da cidade e de onde se avista a faixa brilhante e azul do Tejo — os recrutas da última incorporação executaram todos os exercícos de ginástica educativa e aplicada que constituem o esquema escolhido para a sua formação atlética.

Robalo Gouveia, o completo e excelente ginasta do Lisboa Ginástico Clube, aluno dos melhores do I. N. E. F., é o seu instrutor. As magníficas qualidades do jóvem professor, ensinando e preparando com entusiasmo e dedicação os nossos bombeiros, estão da melhor forma demonstradas.

De tronco nú, cêrea de quatro dezenas de homens — tantos são os apurados desta incorporação — efectuaram os vários exercícos, impressionando agradavelmente pelo seu aspecto físico. Todos bem constituídos, os músculos acusando o desenvolvimento que lhes tem sido metódicamente exigido — não tinham a menor noção da ginástica, e apresentavam tôdas as deformações

ocasionadas pelos diversos misteres em que se ocupavam até ao seu ingresso no B. S. B.

Os exercícos succederam-se sob as ordens de Robalo Gouveia — um professor que executa, para exemplificar, todos os exercícos que comanda.

Após provas de marcha, em que o sapador bombeiro passa por nós orgulhoso do seu aprumo, a escola formada em xadrez desenvolveu bem delineado esquema de ginástica em que há pormenores do método de Niels Bukh. Depois, exercícos na barra fixa, onde os recrutas se mostram exímios, cumprindo com perfeição e beleza de atitudes, como igualmente fizeram nas paralelas.

Os saltos no plinto completaram esta exhibição de ginástica, que no conjunto nos deixou absolutamente seguros da excelente preparação física dos nossos bombeiros.

A actividade desportiva do B. S. B. é também útil e valiosa. Com a sua prática o sapador bombeiro auxilia a manter a «forma» atlética.

Natação, atletismo, «basket» e «volley-ball» são desportos que nos bombeiros encontram bons praticantes. Durante o ano, tôdas estas modalidades movimentam desportivamente os componentes das quatro companhias em que está dividido o batalhão.

Além dos diversos torneios que se organizam entre os sapadores bombeiros, para a disputa de diversos troféus, a sua comparação no desporto corporativo tem sido brilhante. Nos recentes campeonatos, os representantes do B. S. B. classificaram-se sempre nos primeiros lugares.

No entanto, cultivam especialmente a natação. O belo desporto está indicado como sendo dos elementos de que o bombeiro tem de se servir de um momento para outro. Por isso, saber nadar e salvar são duas das muitas especialidades dos sapadores bombeiros, nas quais são instruídos e treinados por Dionísio Sampaio, nadador do Clube Nacional de Natação.

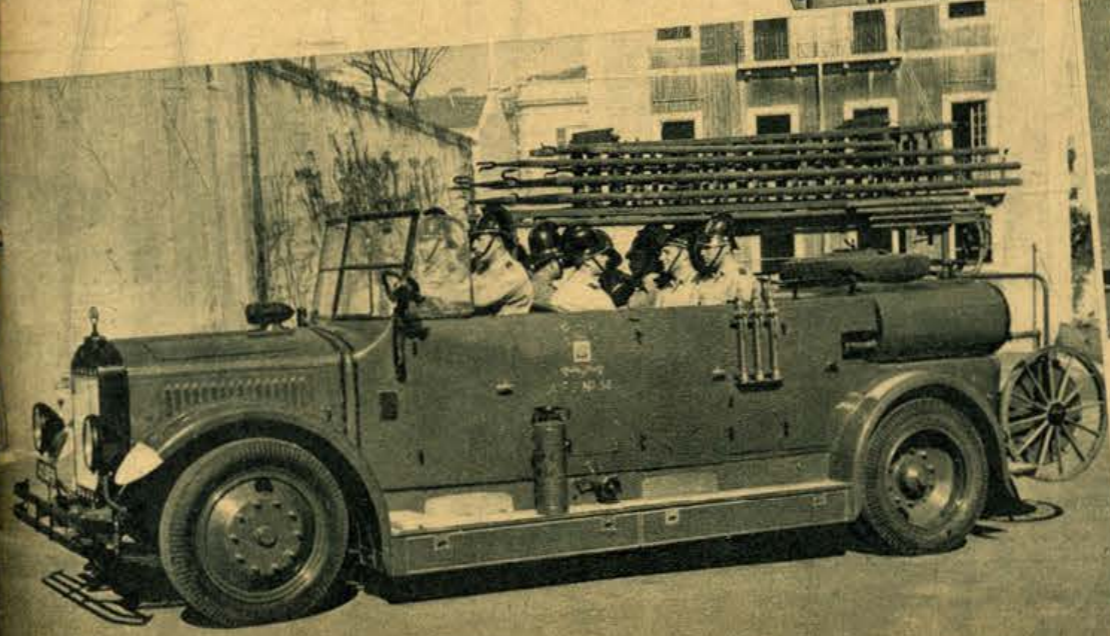
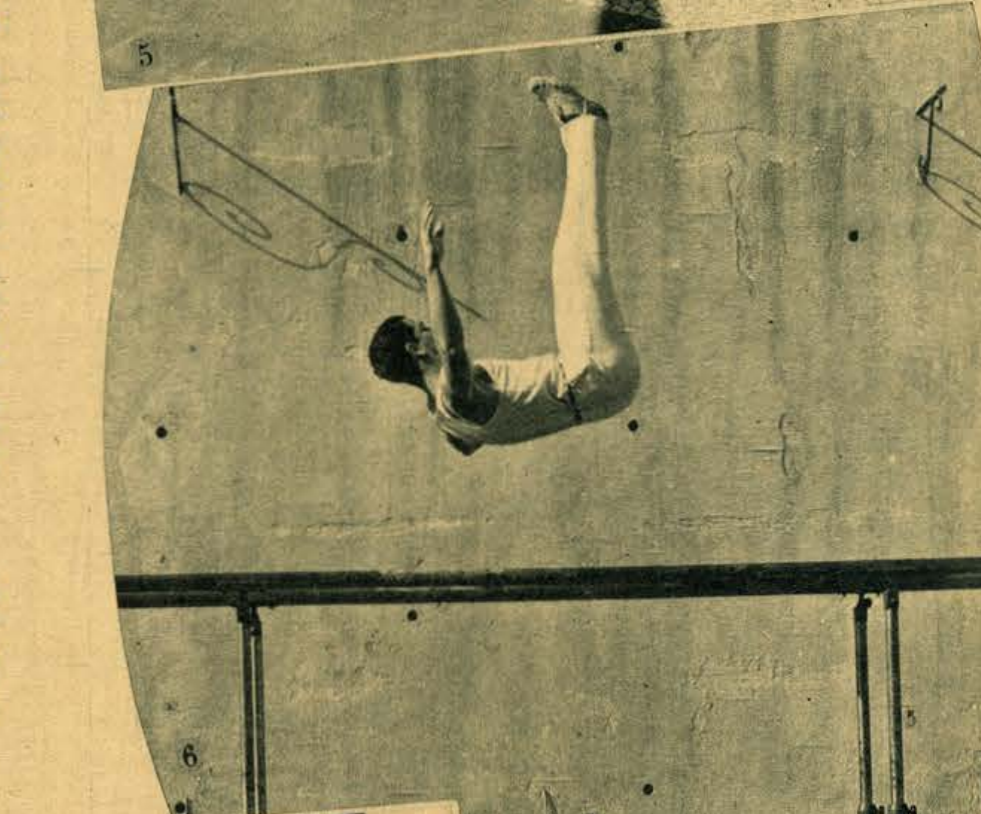
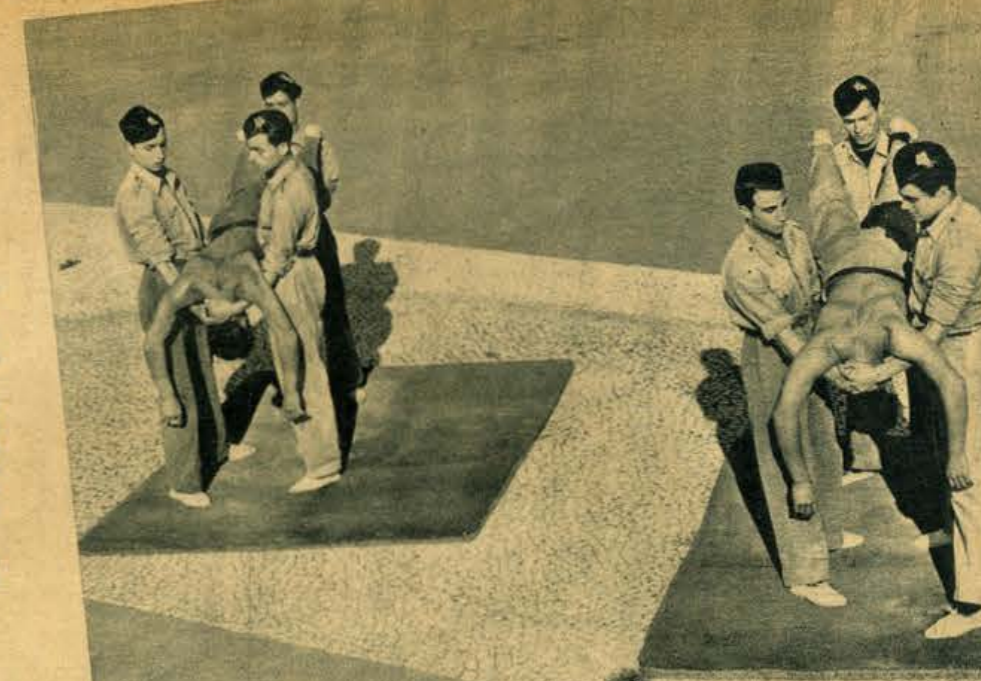
Esta vida de ginástica e desporto do bombeiro, a par da sua actividade técnica, não se verifica só no período de instrução, quando recruta. Continua sempre, dia a dia, pelos anos fora, para manter apuradas tôdas as qualidades físicas que tão nobre profissão exige!

São assim preparados, tendo por base a ginástica e o desporto, os nossos sapadores bombeiros. A demonstração que efectuamos para a «Stadium» — por gentileza do seu illustre comandante, sr. capitão Gomes Marques, que teve ainda a cativante amabilidade de nos acompanhar durante a nossa visita — permite reafirmar que Lisboa pode depositar nos seus sapadores bombeiros a mais segura confiança — pelo seu valor, arrojô e dedicação, a glorificarem sempre a sua altruista divisa: «Vida por Vida»...

FERNANDO SÁ



1 — O salto de plinto em comprimento executado com segurança; 2 — Um correcto pino de ombros nas paralelas; 3 — Balanço nas barras na barra fixa; 4 — Aspecto de uma das classes de ginástica



5 — Aprendendo a transportar um naufrago, sob a direcção de Dionísio Sampaio, do C. N. N.; 6 — Robalo Gouveia, simpático ginasta do L. G. C., é o professor do B. S. B. — que ensina pela teoria e pelo exemplo, como a gravura demonstra; 7 — Bem preparados física e tecnicamente, os bravos bombeiros estão prontos — a dar «vida por vida».

(Fotos Nunes d'Almeida)

## DOIS TORNEIOS NO INTERNACIONAL...

...E DUAS VITÓRIAS DE JOGADORES ALGARVIOS

Os dias primaveris das últimas semanas convidam à prática do ténis. E foi digna de vêr-se a actividade registada nos «courts» lisboetas, mormente nos do Internacional e do Sporting.

Nos do primeiro destes clubes disputaram-se dois torneios que serviram para nos revelar que a antiga colectividade das Laranjeiras continua na louvável disposição de movimentar a modalidade, colaborando eficazmente na expansão de que ela tem beneficiado nos últimos tempos.

Destinavam-se as duas provas a jogadores que não tivessem sido classificados na 1.ª e 2.ª categorias da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis — portanto capazes de descobrir novos valores e permitir aos clubes certas facilidades para a constituição das suas equipas representativas, num previsto campeonato de Portugal inter-equipas de 3.ª categoria, prova no género da taça «Rodrigo de Castro Pereira» e para a qual os irmãos Nunes dos Santos ofereceram o trufe.

Louvável e simpática a iniciativa do Internacional, que veio a ser valorizada com a presença de dois jogadores algarvios, de quem se pode dizer de-de já que «chegaram, viram e venceram...». Referimo-nos a Manuel Lã e Vasco Guimarães, dois jogadores de Faro, que através das suas «exibições» se mostraram dignos de ser incluídos na 2.ª categoria. A sua vinda a Lisboa constituiu mesmo a nota saliente da organização do C. I. F..

## O torneio de «singulares»

A prova de «singulares» reñiu inúmeras inscrições... mas também teve muitas faltas de comparecência. Todavia, concluída a primeira

## UM PEQUENO ESTÁDIO PARA ELVAS!

TIVEMOS ocasião de observar, há pouco, as condições em que vive o desporto na cidade fronteiriça do Caia, nomeadamente o futebol, e parece-nos oportuno sublinhar diversos dos seus aspectos. Com um pouco de atenção e boa vontade de quem de direito, facultar-se-lhe o desenvolvimento e unificação de ideias dispersas — e até incompreendidas.

Elvas possui clubes e desportistas que contam considerável falange de adeptos. As suas aspirações, muito legítimas, não são difíceis de solucionar.

O Sport Lisboa e Elvas, sexta filial do popular Benfica, tem especial preponderância no meio. Cerca de 1200 entusiastas constituem a sua população associativa, com uma obra de certo modo interessante, não só sob o ponto de vista desportivo como até sob o aspecto social, a tal ponto que o clube já recebeu o grau de oficial da Ordem da Benemerência. Existem ainda outras colectividades, ansiosas de progresso: o Sporting Elvense e o Clube «Os Elvenses», respectivamente filiais do Sporting Clube de Portugal e do Clube Futebol «Os Belenenses».

Qualquer destes clubes de Elvas não tem campo a lético, onde, à vontade e com orientação integrada em sãs princípios, possam alargar a sua esfera de acção, valorizando o desporto da cidade. Assim, um pequeno estádio é o pensamento de todos, a mais forte e justificada aspiração.

Desejo irrealizável? Pretensão estulta e demasiada? Eis duas perguntas a que se podem seguir respostas negativas, principalmente se se atender ao facto de haver já terreno meio desbravado, obra a aproveitar, importante apenas o seu aperfeiçoamento e, como necessidade de maior urgência, a instalação de balneários e a colocação das vedações do rectângulo.

O estádio (?) municipal existente junto das portas da cidade é fácil de aproveitar. As entidades oficiais não deixarão de encarar este problema, cuja solução se impõe. E tal desejo não é de agora, pois sabemos que tem estado em estudo.

eliminatória, a competição revestiu-se de interesse e regularidade. Na fase inicial só a luta Alfredo Braga-Jaime Quintana mereceu referência especial, pela boa réplica que o primeiro ofereceu ao seu adversário.

Nos oitavos de final, o encontro Machado Macedo-Manuel Lã, que este jogador ganhou por 6-4 e 7-5, proporcionou ao vencedor uma exibição que excede as nossas provisões. Manuel Anadia, que consideramos a revelação da prova, dispôs facilmente de Chaves de Campos (6-0 e 6-0). Melo e Silva encontrou seria resistência em José Guedes (5-7, 7-5 e 6-2) e Vasco Guimarães não teve de empregar-se a fundo para eliminar M. Nunes dos Santos.

Nos quartos de final, M. Lã venceu dr. Mesquita e Carmo (6-1 e 6-0) e revelou melhor do que no encontro anterior o que vale; Manuel Anadia ofereceu a surpresa de derrotar Melo e Silva (3-6, 6-1 e 6-1); Quintana e Guimarães venceram, respectivamente, Seabra Pinto (7-5 e 6-1) e J. A. Gonçalves (6-2 e 6-3).

Nas meias finais Manuel Anadia devia de frontar Manuel Lã, mas as suas ocupações impediram-no de comparecer; Guimarães venceu Quintana (9-7 e 11-9) fornecendo ambos a melhor luta de toda a prova. Na final, Vasco Guimarães derrotou Manuel Lã (8-2 e 6-3).

## O torneio de pares

A prova de pares-homens, com cerca de uma dezena de formações inscritas, decidiu-se em quatro encontros. Isto quer dizer que o brilhantismo da competição foi gravemente prejudicado pelas muitas faltas de comparecência. Manuel Lã-Vasco Guimarães «viram-se» na final sem ter disputado qualquer encontro. Em compensação, Machado Macedo-J. Quintana tiveram de jogar por três vezes para alcançar a presença no encontro decisivo, proporcionando três animados encontros, nos quais, revelando bom entendimento, venceram com facilidade — contrariando até os prognósticos na sua luta contra Melo e Silva-J. A. Gonçalves. Mas na final cederam inexplicavelmente, permitindo que os jogadores do Algarve se exibissem à vontade, fazendo 6-3 e 6-3.

DRIVE

## ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Nova organização de «cross-country» promoveu o Benfica entre os seus sócios e simpatizantes, prosseguindo assim na sua campanha de preparação do «crossmen» e de propagação da modalidade. Nesta ocasião venceu Manuel Gomes, com 6 m. 34 s. nos dois quilómetros e meio do percurso, seguido de Francisco Rodrigues, José Araújo, António Nunes, Joaquim Gaspar, Sebastião Costa, Manuel Pires, Aramido Tavares e de mais 22 atletas.

BASKETBALL — Continuou a disputa do campeonato de Sapadores Bombeiros, com os resultados seguintes: Comp.ª de Reforço — 2.ª Comp.ª, 18-12; 1.ª Comp.ª — 2.ª Comp.ª, 17-6. A Companhia de Reforço

Há simplesmente que conciliar certas divergências de critério, conceder determinadas facilidades, a fim de transformar em estádio, por modesto que seja, aquilo que por enquanto nenhuma condição oferece. Existe só o terreno e duas balizas...

Não deve ser difícil. Nomeadamente no Sport Lisboa e Elvas existe gente decidida, cheia de entusiasmo e com provada dedicação pelo desporto. Os seus dirigentes são activos e demonstram sentido prático de iniciativa. A conjugação de esforços com os restantes clubes permitirá, ainda, meter ombros a mais arrojados empreendimentos.

Mas o auxílio oficial é imprescindível, pelo que estamos certos de que não - e fará esperar. O problema sómente exigirá ponderado estudo, posto que conta com a boa vontade comum. Matéria prima e dedicação — não faltam, e hoje o progresso não se coaduna com demoras.

Agitando esta questão desprezenciosamente, desejamos ser úteis ao desporto em Elvas. Oxalá sejamos escutados.

J. D.

## Campeonato Nacional de Xadrez

O termo da prova aproxima-se. No momento em que traçamos estas linhas, jogam-se, com emoção, as derradeiras partidas, que devem decidir a atribuição do título máximo.

Baralhando todos os prognósticos, a evolução do torneio exclui, até agora, a hipótese de um candidato único, e, conseqüentemente, a prova ganhou em expectativa, ante as grandes probabilidades de se registar um desfecho-surpresa pouco prestigiante, cujas repercussões são incalculáveis nos seus efeitos. A possibilidade de Francisco Lupi ganhar o título de campeão nacional, sem possuir o de «Mestre» — visto já não lhe ser possível perazer a percentagem necessária — é um dos factores fundamentais daquele interesse. Acresce o facto de persistir o equilíbrio a que nos referimos no último número, e que aceitamos com grande reserva, por não o considerarmos como bom prenúncio da existência de classe no nosso Xadrez. Sem que houvesse justificação plausível, senão a fraca exibição dos jogadores mais cotados, todos os cinco concorrentes ao Campeonato Nacional encaravam ainda, na penúltima (!) jornada, a possibilidade de ascender ao primeiro posto. Mas, a nosso ver, nem todos mereciam tal destaque; muitos dos resultados obtidos foram pouco concludentes: a partida F. Lupi-G. Ribeiro, em que o primeiro evidenciou manifesta superioridade táctica, vindo, contudo, a perder, é um exemplo frizante, que reforça a nossa convicção.

Dos restantes assa-nale-se a ligeira subida de forma de G. Russel, contrastando com a má actuação de P. Braumann, a regularidade de Carlos Pires, porventura a jogar ainda abaixo das suas possibilidades reais.

E, para fechar com chave de ouro, é justo salientar o excelente comportamento do titular nortenho, João Mário Ribeiro, hoje Mestre da Federação Portuguesa de Xadrez, visto ter já conseguido a pontuação requerida. Pelas belas qualidades de jogador e pelo seu já muito saber, o mais jovem mestre português — 14 anos, apenas! — merece indiscutivelmente a elevada categoria obtida.

Classificação na penúltima sessão, indicando-se entre parêntesis a pontuação para o Torneio de Mestres: Carlos Pires e Dr. Gabriel Ribeiro, 4 (6); Gabriel Russel, 3,5 (4); F. Lupi, 3,5 (3,5); J. M. Ribeiro, 3 (5); Dr. P. Braumann, (2,5).

prosegue com vantagem, devendo vir a conquistar o título de campeão da corporação.

CAMPISMO — Aproveitando as férias do Carnaval, o grupo excursionista Caravana Campista de Lisboa promoveu uma digressão à Serra da Estrela, onde os seus componentes disputaram várias provas de «ski».

CICLO-TURISMO — Nove componentes da secção do Benfica deslocaram-se para Leiria, por Vila Franca — Cartaxo — Sauternes — Torres Novas e Vila Nova de Ourém, com regresso pelas Caldas da Rainha, Bombarral e Mafrá, visitando, nos arredores da cidade do Lis, a quinta das Sardinhas.

FUTEBOL — A equipa do Grémio dos Armazenistas de Vinho conquistou o campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, em 2.ª categoria.

Para o campeonato de jogadores da A. F. L. registaram-se mais os resultados seguintes: Atlético — Casa Pia A. C., 2-0; Unidos — Belenenses, 3-2; Fósforos — Marvilense, 2-1; Sporting — Benfica, 2-1.

NATAÇÃO — A federação espanhola respondeu à sua congénere portuguesa, marcando a segunda quinzena de Abril para efectivação do Portugal-Espanha, em Barcelona.

TÊNIS — A federação portuguesa chegou o convite para um «match» Portugal-Espanha, a disputar em Sevilha, durante as festas da Primavera.

TIRO AO ALVO — Dionísio Magro ganhou a prova «Maria Manuela Mendes Leite», a 15 tiros, em cada uma das três posições, totalizando 408 pontos (126 de pé). Seguiram-se-lhe: Guilherme Guedes, 408 pontos também menos 4 de pé; Ester Loureiro, 407; José Mendes Leite Júnior, 397; Godofredo Bravo Dias 396; Maria José de Almeida, 395; Antero Lopes, 394; Manuel Ferreira Borges, 389, Eugénio Malcitas, 387; Agostinho Munhó 384 e Delfino Silva, 382.

A notar a boa classificação das duas senhoras, especialmente de Ester Loureiro, com um brilhante terceiro lugar, a sete pontos dos dois primeiros.

Efectuaram-se, na carreira «dr. António Martins», do Ateneu Comercial de Lisboa, os desempates da prova «João Pereira da Rosa», A. S. T. n.º (Figueira da Foz) ganhou com 293 pontos, seguindo-se-lhe: Ateneu Comercial 287; e S. T. n.º (Lisboa), 280.

# Considerações fisiológicas sobre o pugilismo

Notas técnicas de RAFAEL BARRADAS

ENTRE os clubes desportivos da provincia, a Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, é um exemplo magnifico — de organização e expansão popular. Por uma quota minima, tem realizado e desenvolvido uma obra notável — em desporto e em educação.

A Naval 1.º de Maio festeja, dentro de dois meses, o 51.º aniversário da sua fundação. Um dos números comemorativos de tal data e constituido, com flagrante actualidade, por uma exposição bibliografica e iconografica dos primeiros cinquenta anos de actividade.

Nesta exposição, de excelente sentido cultural e evocativo, procurar-se-á reunir o maior numero de referencias, artigos, publicações, desenhos, e fotografias, isto é, todos os documentos bibliograficos e iconograficos que digam respeito à actividade da Naval figueirense em qualquer das modalidades recreativas e desportivas praticadas pelos sócios da colectividade, desde a fundação da Naval até ao comemorar das suas bodas de ouro, no ano findo.

Trata-se de uma iniciativa de largo interesse, tanto para a Naval 1.º de Maio como para o desporto na Figueira da Foz. Com o registo da ideia, formulamos os nossos votos de êxito para a exposição.

A «Stadium» propõe-se evocar, de quando em vez, um ou outro facto de relevo na história do desporto. Recordar é viver, disse um eminente escritor português. Vivamos um pouco alguns factos que deram lustro ou animação ao desporto, recordando-os. Muitos d'elles são exemplos e constituem lições — para o futuro. Nada se perde com a evocação. E é por esses um preito de justiça.

COM a proximidade da primavera, começaram os preparativos para a nova época de ciclismo de estrada e pista. Fizemos já referencia ao programa elaborado pela Federação Portuguesa de Ciclismo. A Associação de Ciclismo de Lisboa elaborou também o seu programa. Falta unicamente o que se refere ao norte do país.

A temporada abre, na capital, em 19 do próximo mês de Março, com a clássica prova dos 50 quilómetros, em todas as categorias. Além dos campeonatos regionais de fundo e velocidade, desdobrados por vários domingos, de 2 a 30 de Abril, e 28 de Maio, há, apenas, no que se refere a provas officiais, o Circuito de Lisboa, marcado para 26 de Março.

Vai, pois, tudo — de enfiada! A preocupação é deixar o resto da época disponível para as provas particulares. Se estas não apparecem — a actividade de corredores e clubes não ultrapassará muito os três meses de provas officiais. Parece-nos, por isso, que seria preferível escalonar melhor as provas em preparação. A pouco e pouco, para demorar mais...

COMEÇARAM finalmente os campeonatos regionais de júniores em futebol. E preparando cuidadosamente a gente nova que se consegue melhor a expansão de cada desporto. E merece relevo o facto de se fazer ao mesmo tempo o principio do campeonato — em Lisboa, Porto e Coimbra. E assim que os diferentes núcleos desportivos marcam a sua posição relativa. Não é reclamando direitos — mas afirmando a capacidade ou amplitude do seu valor!

APROXIMA-SE o fim das «poules» regionais do Campeonato Nacional da II Divisão. Semana a semana, alarga-se a lista dos vencedores. Dentro de poucos domingos começa o torneio complementar. E nessa altura que principia o campeonato propriamente dito. Até agora — dominou o número. A qualidade entre a dominar depois — na luta para o título e para a entrada na «Taça de Portugal».

QUANDO um adolescente se me dirige e pergunta se pode dedicar-se à pratica do jogo do sôco, respondo-lhe invariavelmente do seguinte modo: «Vá primeiro um bom médico e indague sobre o estado do seu organismo. Pode acontecer que o pugilismo lhe não convenha por virtude de qualquer deficiencia organica insuspeita.»

Em principio, os factos deveriam passar-se assim: O rapaz procurava o médico e contava-lhe as suas disposições. Este, ao corrente dos projectos do seu consultante, observava-o com rigor e dava uma opinião segura e clara.

No entanto, só raras vezes o clinico é ouvido e, noutros, presta pouca atenção ao cliente, não empregando o melhor da sua proficincia.

Embora caindo na monotonia pesada e conselheiral dos assuntos repisados, repetiremos, ainda uma vez, que o jogo do sôco é um d' esporte excelente sob condição de ser feito com método, por pessoas sadias e naturalmente robustas.

Conquanto não esteja ainda publicado ou, melhor, não seja do meu conhecimento a existencia de um trabalho completo sobre a fisiologia do pugilismo, apresentando conclusões seguras sobre o caso, já houve experiencias e observações que permitem descortinar os horizontes do problema.

Assim pode dizer-se afoitamente que todo o individuo que se propõe jogar o sôco com assiduidade deve submeter a rigoroso exame os seguintes órgãos:

- a) — coração
- b) — pulmões (radioscopia)
- c) — nariz (permeabilidade nasal)
- d) — vista
- e) — tensão arterial.

O coração, os pulmões e o sistema nervoso são os sistemas organicos mais solicitados e postos à prova durante o combate. O coração terá de ser sólido para sustentar o esforço da acção.

Está provado que após um primeiro assalto de 3 minutos, executado rigorosamente, a área cardíaca diminui. Esta hipertonicidade do miocárdio desaparece a partir do 4.º assalto, quando a area cardíaca aumenta ligeiramente.

Se o intervalo entre os assaltos fôsse de dois minutos, em lugar de um, o acréscimo da área do coração só se tornaria sensível a partir do 11.º assalto.

Conquanto estas considerações sejam o resultado de algumas experiencias e não de muitas, o carácter global prevalece e, assim, pode dizer-se do seguinte:

- 1.º Será vantajoso reduzir para 2 minutos e meio a duração dos assaltos;
- 2.º O tempo de repouso entre os assaltos deve fixar-se em 90 segundos;
- 3.º A quantidade de assaltos não deve ir além de 15, nas condições atrás propostas.

Os benefícios que resultariam, para os individuos, destas modificações, seriam fáceis de prever, considerando que o coração sustentaria um esforço menor. Mas, quem poderá vencer a rotina e impôr processos melhores?

Durante os treinos devem ser vigiadas as reacções do organismo à fadiga. Este processo permite ajuzar das condições em que se encontra o desportista. Em geral, e nos casos normais, essas reacções apresentam-se do seguinte modo:

- 1.º No fim de cada assalto, o número de pulsações por minuto oscilla entre 150 e 170;
- 2.º Depois de um minuto de repouso o pulso desce a 110-120 pulsações;
- 3.º A tensão arterial oscilla entre 22 (máxima) e 12 a 14 (mínima).

Comparando estes valores com os que forem observados no individuo em regime de treino, poder-se-á apreciar a maneira como o organismo reage à fadiga e ao esforço.

Eis aqui, senhores treinadores e caríssimos directores, uma questão a ponderar e da qual devem tirar partido...

Falando agora propriamente dos jogadores profissionais, direi que devem possuir em elevado grau (além dos requisitos exigidos aos amadores...) as seguintes qualidades:

- 1.º Reacções motoras muito rápidas às excitações sensitivo-motorias;
- 2.º Resistência aos abalos traumáticos;
- 3.º Habilidade natural para o jogo do sôco;
- 4.º Insensibilidade à dor.

Falta dizer que a idade optima para a pratica do pugilismo oscilla entre os 20 e os 25 anos. Antes dos 18, só em condições de excepcional segurança deveria ser permitido praticar este desporto em competições ou nos campeonatos.

Para terminar este pequeno estudo, cabe-nos fazer referencia às qualidades desenvolvidas pela pratica do pugilismo:

- 1.º Sangue-frio, decisão e golpe de vista;
- 2.º Resistência à dor e aos traumatismos;
- 3.º Espírito de luta e de resistência.

Difícilmente se logrará inventar um desporto tão identificado, como este, com as facultades e tendencias humanas. Emprgando armas naturais — os punhos — o jogo do sôco substituiu, em determinada época, o emprego e abuso da espada e do punhal na solução extrema de pendencias entre individuos. Os golpes traiçoeiros da adaga e os duelos, entre condottieris a sôlo e gente de bem, não eram já possíveis nem permissíveis. Daí o ficar conhecido, e perdurar ainda, o título de Nobre Arte — que inteiramente lhe corresponde!

## A assembleia da Federação de Esgrima elegue nova direcção

A Federação Portuguesa de Esgrima tem nova direcção — e a assembleia geral que a elegeu decorreu com a habitual elevação, facto que constitui norma, por assim dizer, de todas as reuniões do genero entre os praticantes do desporto das armas.

Na mesa tomaram lugar os srs. prof. dr. Rui Ferro Mayer, que presidiu, e D. António de Almeida (Lavrado) e dr. Luis Pimentel, secretários. Na sala — cerca de três dúzias de pessoas, entre sôcos, directores e simples assistentes. Havemos de coavir que o numero não era elevado, tanto mais que alguns dos sócios colectivos não se dignaram fazer-se representar. Mas a qualidade, felizmente, superava a quantidade...

Leu-se a acta da sessão anterior e houve ligeiros reparos a determinada passagem do relatório da direcção demissionária. Depois aprovou-se tudo por unanimidade: conclusões, contas e parecer do conselho fiscal.

Estava concluida a primeira parte da ordem dos trabalhos. Antes de se entrar na segunda, o sr. Avelar Machado apresentou uma proposta tendente a resolver a situação ilegal em que, dentro de poucos meses, a F. P. E. se encontraria. Para isso propôs a criação de duas associações regionais — Norte e Sul. E a assembleia, depois de ouvir algumas observações do sr. dr. Jorge Oom, resolveu dar pleno accordo à proposta, confiando à nova direcção o cuidado de executar.

A seguir, o sr. dr. Rui Mayer leu uma moção, da sua autoria, que se destinava a solucionar o incidente provocado pelo campeonato nacional de espada de 1942. A exposição feita pelo presidente da mesa foi atenta e escutada. Duas pessoas manifestaram depois a sua discordancia com algumas das passagens da moção, os srs. dr. Jorge Oom e Avelar Machado, sugerindo diversas alterações.

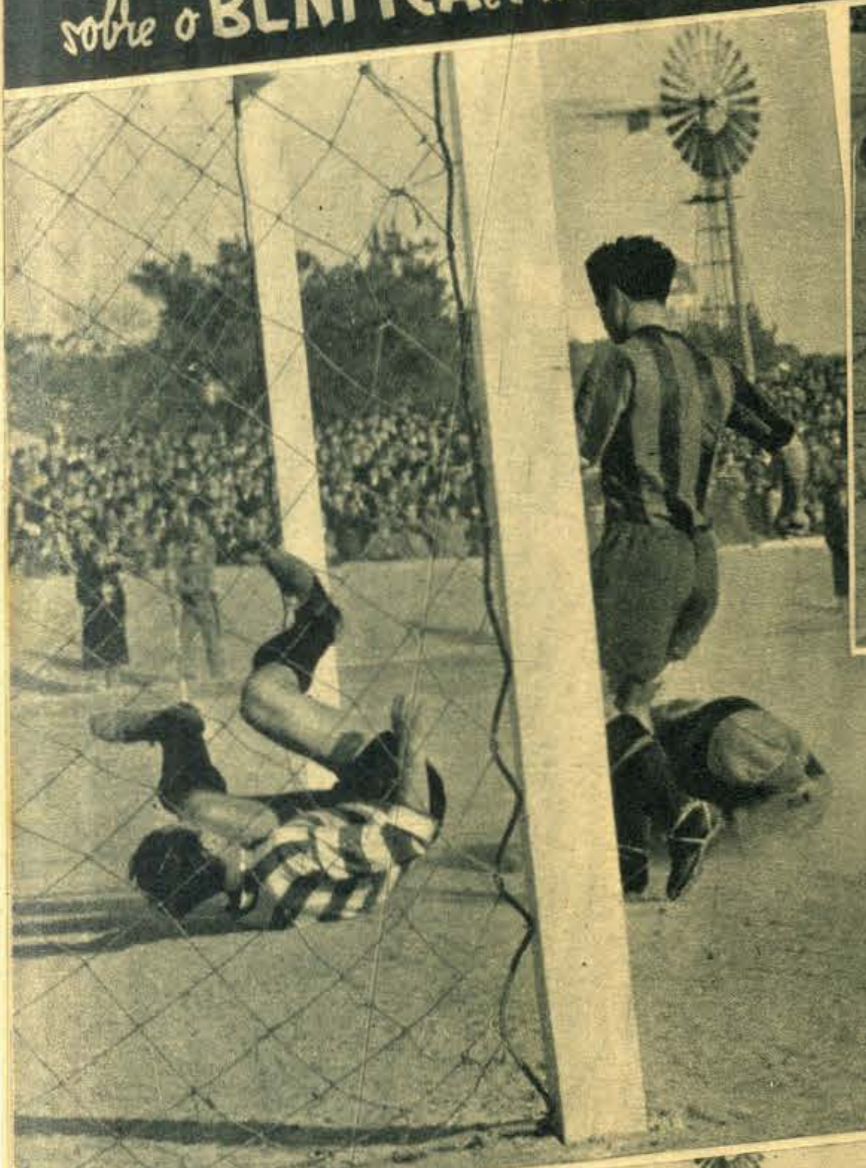
Convidada a manifestar-se sobre o assunto, a assembleia aprovou por maioria a moção. A titulo de curiosidade, registamos o resultado da votação nominal: concordaram 16 sócios, absteram-se o e rejeitaram 2.

Por último, procedeu-se às eleições. Eis o apuramento do escrutinio: Direcção — presidente, Mário de Noronha; vice-presidente, João José de Avelar Machado; tesoureiro, Albano Pimenta de Araújo; secretário-geral, João Pedro Vinha; vogais, capitão Raúl Pereira de Castro, Fernando Pereira e D. António de Almeida (Lavrado); suplentes, Augusto de Andrade Barreto e João Madeira Pinto. Assembleia geral — presidente, dr. Rui Ferro Mayer; vice-presidente, António Duarte Monte; secretários, João da Cruz e José Falcato; assente, Sidónio Pais.

Antes de começar a assembleia, a direcção procedeu à entrega dos premios referentes às competições que organizou na época finda.

# SPORTING

Melhorou a sua posição de "leader" aumentando ligeiramente a vantagem sobre o BENFICA e ATLETICO



**SPORTING-OLHANENSE:** 1 - Abraão capta a bola em mergulho e esquia ao mesmo tempo a entrada de Mourão - que cai «enrolada» dentro da baliza; 2 - Um ataque do Sporting. Peyroteo chegou tarde... 3 - Albano marca o 2.º «goal» do Sporting, enganando Abraão, que se lançou para o lado oposto; 4 - Colossal mergulho de Abraão, que conseguiu segurar a bola em condições difficilimas; 5 - Rodrigues e Nunes do guarda a Peyroteo - que apesar do seu esforço só pôde rematar para fóra. (fotos Nunes d'Almeida)

**BELENENSES-ATLÉTICO:** 6 - Armando Jorge em decidida intervenção; 7 - Apesar da decisão de Salvador-Catinana vai marcar um dos seus três «goals»; 8 - Armando Jorge antecipa-se a Ventura e defende a sóco. Mário Coelho viu infrutíferos os seus esforços... (fotos J. Manique)



# CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(Conclusão da página 3)

Este desafio pode servir o Vitória (Guimarães). Ponto de partida para um ressurgir — pois o clube tem correspondido menos nesta época do que nas antecedentes. No Benfica, a falta de Francisco Ferreira foi sensível, assim como a pouca consistência do reduto de baixa defesa.

## O estado psicológico da Academia gerou a volumosa derrota do Salgueiros

A Académica espreitava a oportunidade de fugir ao último posto. Tinha ainda viva a chaga de ter perdido no campo do Salgueiros e estava firmemente resolvida a lavar a derrota. É de crer que os estudantes entrassem no campo de Santa Cruz com as ganas com que vão aos grandes clubes. Insistindo logo, nos primeiros momentos, atim de marcar e estabelecer a sua superioridade, tirando ao adversário todas as esperanças.

Não só pelo resultado volumoso e expressivo, como por aquilo que se passou no terreno, deve afirmar-se que o *team* da Académica jogou sempre com a ideia de ataque, ao passo que no do Salgueiros a necessidade da defesa nunca foi esquecida. Isto não significa que os portugueses se concentrassem na área da defesa, ali organizando forte barreira. Longe disso. Os homens do Salgueiros, dominados em conjunto e no conjunto das condições e circunstâncias, não deixaram de atacar, quando caso disso, por qualquer abertura do terreno ou pelo favor de vários lances. Mas a ideia acima dada vale pela sua nitidez e verdade. Não se desce ao pequeno nada. Dá-se o traço geral da questão. No temeiro tempo, com 4-1 a favor da Académica, o problema estava resolvido. Mas fizeram-se ainda muitos *goals* — prova evidente de que as linhas defensivas não chegaram para o poder atacante. Em resumo, a Académica rectificou a classificação geral com inteira justiça.

## O Atlético domina o Belenenses. A grande revelação do futebol português

É que não é já só a linha média auxiliada pelos outros sectores afinados, na sua interdependência e ligação. Consciência na defesa, solidês na meia-defesa, geito, vivacidade e sentido prático no ataque. Toda esta arquitectura futebolística, revestida do moral característico das grandes equipas, isto é, certeza do valor próprio. Tudo isto é o Atlético. Como o dizemos com prazer, nós que há muito tempo temos andado em busca de valores novos no tocante a *teams* e jogadores, para que os títulos do nosso futebol não fossem monopólio de dois clubes, posto que muito respeitáveis!

Com os resultados obtidos, implantado no primeiro plano, o Atlético sofreu uma transformação profunda, para a qual deve ter contribuído uma cuidada preparação física: os defeitos, ou desapareceram, ou estão eliminados na medida do razoável; as qualidades apuraram-se de tal modo que brilham hoje intensamente. Quere dizer, jogadores porventura medíocres transformaram-se em unidades de qua-

lidade. De resto, o fenómeno não é tão raro que possa causar admiração.

Uma equipa que se porta como o Atlético, nas Salésias, é um valor a ter em conta, e uma força que se deve acompanhar e estimular no quadro do futebol. Batida, em condições delicadas, pela desgraça, mudando o resultado de 1-0 num empate de 1-1, o *team* suportou com estoicismo o duro transe, tendo apenas em mira a recuperação da vantagem perdida. Esse objectivo foi, aliás, totalmente atingido. O Atlético não só ganhou como ainda conseguiu demonstrar ser o melhor *team* que pisava a relva das Salésias, desenvolvendo movimentos de extraordinária rapidez e de melhor concepção, a pontos do seu domínio ressaltar claramente — muitos *desenhos* de jogo organizados sem a intervenção do adversário.

O Belenenses tem a atenuante da falta de Simões, Serafim e Quaresma, tornando possível a insistência da *fantasia* de Rafael a avançado centro, solução para um grande momento e em breve período de tempo — e em especiais condições uma solução natural. Mas os torneios longos — é da ciência futebolística — não se disputam com onze homens, tornando-se necessária a existência de reservas suficientes. Os suplentes são às vezes mais valiosos do que os efectivos.

O *team*, vendo quebrado o encanto do seu futebol caprichoso, pela diminuição do sentido prático em frente das rédeas, relativamente ao que se passou no Campeonato de Lisboa, desorganizou-se, enfraquecendo o moral. Para mais, as últimas derrotas destruíram os restos de confiança que a equipa tinha. Um grupo leva muito tempo a organizar. Mas leva muito menos a desorganizar...

## GAZETILHA

### Cinzas do desporto...

Mais um Entrufo passou!  
E morreu o velho «salsão»,  
mas não fez moeda falsa  
nem, mesmo, nos intrigou...  
O desporto não mudou  
nem, por certo mudou!  
Continua a ser... «amã»  
e a «scorrer mais «cobres»...  
Só perdem os que são pobres  
e vivem... ao Deus-dará.

Vi passar um lindo «corso»  
(em sonho ou coisa parcida!)  
desde o cimo da Avenida...  
Os «leões» iam no dorso!  
Pensando nisso me torço,  
pois «eporo, ainda, ver  
algo p'ra nos entreter...  
É Benfica — ou Atlético?!  
Ou qualquer grupo... «hipotéticos»!  
Tudo pode acontecer!!!

Ao despertar de tal sonho,  
vi, mas com muita arrelia,  
que o Belenenses lá ia  
na cauda, com ar bisonho...  
... macabuzio — e tristonho!  
É realmente mui triste  
ver que o direito lhe assiste  
de perder quatro seguidas...  
Causam pena tais partidas  
de Carnaval! Mas sem chiste!

ZECAS TLÃO

## A NOSSA ÚLTIMA CAPA

A nossa última capa — uma excelente fotografia de Manuel da Costa — apresentava uma «gralha» antipática, como todas... Dizia-se que o excelente e popular jogador dos «encarnados» era interior-direito, quando se escreveu «extremo-direito». Os nossos leitores compreenderam — e desculparam...

## II DIVISÃO DO NACIONAL

### O Operário Vilafranquense, o Caidas S. C. e o Lanifícios

asseguraram a sua passagem à segunda fase da prova

**A**VISINHA-SE o final da primeira fase do campeonato nacional da II Divisão. O número de concorrentes da última jornada — a décima primeira — diminuiu consideravelmente — a demonstrar que nalgumas regiões há já clubes que aguardam o apuramento dos vencedores outras zonas.

Dos vinte e dois encontros marcados para o último domingo, só dois contrairiam, de certo modo, as previsões mais lógicas, sem, contudo, chegar a constituir surpresa: foi o que ditou a derrota do Vila Real, sem dúvida *«teams»* mais categorizado do que o Viarense e o empate de Loulé.

Outras notas salientes da jornada: o apuramento do Lanifícios do Caidas e do Operário Vilafranquense, uma semana antes de terminarem as respectivas «poules». Como melhor resultado ficou, d-a esta vez, os 9-1 do Vilafranquense sobre o Alverca. E mais uma sub-série que terminou a 2. da II. A série que veio a ser ganha, com grande antecipação, pelo Unidos do Barreiro.

#### GRUPO A

Neste agrupamento, o maior número de concorrentes das duas séries torna demorado o apuramento dos vencedores.

Na série 1, só a vitória do Viarense sobre o Vila Real pôde causar certa estranheza. As vitórias do Famaileto sobre o Gil Vicente e do Fafe sobre o Vizela podem considerar-se normais, ainda que se tenha em vista a boa réplica dos vencidos, momentaneamente vitoriosos.

Na 1.ª sub-série da série 2, o Ramaldense fez a vida cara ao Leça, proporcionando o único desafio que se adivinha equilibrado. Académico, C. D. Aves e Vilanovense bateram, respectivamente, o Coimbrões, Candal e Rio Ave, em geitos de não se poder duvidar do mérito da vitória.

Os 2.ª sub-séries, Leixões e Boavista disputaram facilmente do União de Paredes e do F. C. Gaiá, parecendo disposto a decidir entre si qual viria a ser primeiro. O Valadares colocou-se em evidência, empatando com o Sporting da Cruz que uma semana antes subira de cotação por derrotar o Leixões e o F. C. Avelãs, embora se possa pensar em triunfo difícil, bateu o Infesta.

#### GRUPO C

O Covilhense excedeu as previsões infligindo 6-1 ao S. L. Castelo Branco, mas o resultado nem lhe aproveitou nem causa mal ao vencido.

O Lanifícios ganhou bem ao Portalegrense, num desafio de grande responsabilidade.

Na série 8, o Operário Vilafranquense desforrou-se muitíssimo bem do empate inesperado da 1.ª volta, derrotando o Alverca por 9-1. O Alentejano tirou as luvas aos Ferroviários pois ganhou por um score que convenceu. Os «Leões» de Santarém confirmaram a sua superioridade sobre o União Operário, na série 9. O Caidas foi a Alcobaca e regressou vitorioso. Mas o caso esteve difícil, porque 1-0 não é resultado sobre que se pudesse ter descansado.

Na 2.ª sub-série da série 11, o Seixal deu boa réplica ao Unidos do Barreiro, que, todavia, não se deixou surpreender. O Gimnásio do Sul e o Chelas com boas vitórias sobre o Amora e o Lusó do Barreiro, encerraram da melhor maneira a sua actuação na prova.

#### GRUPO D

O Farense derrotou nitidamente o Sport Lisboa e Faro. Tem tanto de natural este desfecho como de inesperado o empate que o Louletano impôs ao Lusitano, traido certamente por excessiva confiança. E, agora, os «leões» de Faro seguem à frente com um precioso ponto de vantagem — ZÊ DO PEÃO.

## Na III Divisão da A. F. L.

### O Desportivo dos Olivais retomou a cabeça da classificação, ao lado do Cascalheira

**U**M desafio absorvia no domingo, as atenções gerais. Em resumo, dele não se grande expectativa. Era o encontro Desportivo dos Olivais-Falmene, disputado no campo de primeiro, opondo justamente duas equipas com mais possibilidades na prova.

Apoiados fortemente pelo seu público, os rapazes dos Olivais lograram alcançar a vitória pela diferença mínima, batendo o seu perigosíssimo adversário pelo «score» de 2-1. Pelo próprio resultado se deduz quanto foi renhida, emotiva e indecisa a luta travada entre as duas mais discutidas equipas da 3.ª Divisão. Apenas a duas jornadas do termo do campeonato, o Desportivo dos Olivais deve ter ascendido definitivamente ao primeiro posto da classificação. E o Palmense deve ter visto fugir-lhe a última esperança.

O Desportivo dos Olivais, porém, estava no domingo em dia de sorte. E não ganhou só ao seu campo. Beneficiou extraordinariamente do empate a duas bolas, verificado entre o Amadora (penúltimo da classificação) e o Cascalheira (seu companheiro do primeiro posto) no campo do Amadora. Foi um resultado sensacional e imprevisto. Ou não fossem caracterizadamente irregulares os «teams» da 3.ª Divisão...

Na luta para o título, Olivais a Cascalheira seguem à frente com 28 pontos; em terceiro lugar o Palmense com 27. Mas que sucederá ainda nas duas jornadas que falta disputar...

No núcleo de Cascais, a luta está a adquirir mais intensidade, à medida que a competição se aproxima do fim. No domingo, verificar-se-ão os seguintes resultados: Bom Sucesso, o Sintrense, o Cascais, 2 — Paço de Arcos, 1; Paredes, 2 — Oeiras, 1.

Temos portanto vitórias dos grupos que melhor posição ocupam na tabela da classificação.

Notável o resultado conseguido pelo Cascais, agora em manifesta subida de forma. O Paredes e o Sintrense, triunfando, mantêm intactas as suas posições de cederas — e as suas aspirações.

A. T.

ANO XII — Lisboa, 23 de Fevereiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 64

## STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º  
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na  
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As virtudes fisiológicas do esquí

**A** prática do esquí recomenda-se tanto pela acção fisiológica do exercício como pelos benéficos efeitos da helioterapia.

Não só as grandes funções, mas também a morfologia geral, são altamente influenciadas por este óptimo exercício, conforme tem sido verificado em inúmeras observações científicas.

A ficha biotípica do esquiador marca um tipo atlético, bastante característico.

A estatura revela-se, em regra, superior à média geral, enquanto o pé se mantém constante. Os membros, quer os superiores, quer os inferiores, acusam idêntico desenvolvimento; a musculatura lateral do corpo, de ambos os lados, mostra-se bem tonificada, em simetria perfeita; os músculos dorsais, tal como os abdominais, apresentam-se igualmente exercitados.

O esquí realiza, assim, o equilíbrio criador da mais bela estatura a que pode aspirar um atleta.

O exame fisiológico do esquiador, após o exercício, regista eliminação intensa de resíduos orgânicos e produção considerável de toxinas (especialmente ácido úrico). A perda de água é importante, sendo frequente observar-se uma diminuição de peso de mais de 2 quilogramas nos esquiadores treinados, à chegada de uma corrida de fundo. Esta queda brusca do peso — que pode atingir e mesmo ultrapassar 5 quilogramas — é atribuída pelos fisiologistas ao grande esforço muscular dispendido num ambiente aéreo bastante seco.

O esquí favorece o desenvolvimento da capacidade pulmonar, que, nos atletas familiarizados com esta modalidade desportiva, orça por 4,200 a 4,500. O automatismo respiratório aperfeiçoa-se pela necessidade de ajustar a amplitude e o número de respirações à cadência dos movimentos. Especialmente nas corridas de grande velocidade, esta adaptação impõe-se, para que o esquiador possa suportar as correntes violentas de ar frio.

A prática deste desporto fortalece o órgão cardíaco, desde que o treino seja conduzido em conveniente progressão. Pelo contrário, assinala-se o perigo da dilatação do coração nos adolescentes que se abalançam às longas excursões sem possuírem a necessária resistência física. Tal a razão que interdita toda a competição desportiva, entre esquiadores, antes da idade dos 18 anos.

Nos indivíduos bem treinados, a tensão arterial não acusa as grandes modificações verificadas geralmente nas corridas pedestres, o que é devido ao facto da circulação de retorno ser facilitada pelas condições atmosféricas da altitude.

No que diz respeito à actividade renal, apenas se pode imputar ao esquí o aparecimento de alguma albumina nos esquiadores das corridas de fundo, como consequência do grande esforço despendido na posição de pé. O fenómeno não oferece qualquer gravidade, desaparecendo a albumina passadas algumas horas. Sempre, porém, que o exame das urinas revela albumina nos indivíduos em estado de repouso, colhe-se uma contra-indicação formal para a prática deste desporto, visto o frio e o esforço agravarem as lesões renais.

De modo geral, pode afirmar-se que a intensidade do esforço, sua duração, ritmo e distribuição equitativa a todas as massas musculares do organismo e o ar ligeiramente rarefeito em que se pratica o exercício, excitam a actividade económica das grandes funções e asseguram, sobretudo, a regularidade dos movimentos pulmonares.

Graças a esta regularidade respiratória é possível praticar o esquí durante muitas horas, experimentando menor fadiga da que provocaria qualquer outro exercício físico em igual espaço de tempo.

A fisiologia do esquí dá-nos, pois, óptimas referências quanto à economia do esforço e esclarece-nos quanto à possibilidade de execução de árduas e arriscadas empresas.

# APRECIÇÕES E COMENTÁRIOS

sobre os campeonatos regional e universitário

**V**ENCIDA a série de jogos disputada ultimamente, encontra-se o campeonato de Lisboa a cerca de meio caminho do seu curso. Julgamos por isso oportuno fazer uma resenha sucinta do que foi esta primeira parte da competição.

Muito tem valido em energia e entusiasmo e alguns encontros têm atingido nível técnico de especial menção.

De entre todos os grupos em luta, merecem destaque o Carnide e o Benfica: o primeiro, porque é de facto o que melhor «basket» pratica, desenvolve técnica perfeita, onde há muito que estudar e aprender, firmada de uma maneira constante em cada jogo realizado; o segundo mostra subida de valor, ganha a golpes de energia, e com situação que tem melhorado de maneira precisa. A sua última vitória sobre os campeões nacionais é exemplo frisante do que pode valer uma equipa que a todo o custo quer obter uma vitória julgada impossível.

A actuação do Unidos e do Atlético, aliada ao valor dos seus elementos, tornam-nos, juntamente com o Carnide, os grupos mais categorizados da capital. A irregularidade do Belenenses e do Lisgás tem sido notória, posto que a exibições inferiores às suas possibilidades se sucedem outras em que põem em jogo todos os seus recursos técnicos. O Algés, em grande plano na primeira parte da prova, parece decrescer de entusiasmo, se atendermos à sua actuação no último desafio com o Atlético, agravada com a ausência de dois dos seus mais importantes elementos.

O Sporting, pondo à prova a sua combatividade, e o Campo de Ourique, fugindo com ardor a uma posição secundária, que lhe poderá ser fatal, emprestam à competição, de maneira especial, interesse e entusiasmo dignos de nota. O Maria Pia, em crise latente, devido ao afastamento de elementos valorosos, secunda o duo formado pelo Rio Sêco e Operário, que, inferiorizados tecnicamente perante adversários de mais valor, tornam os encontros difíceis de disputar, pelo que não se deve julgá-los como adversários fáceis de transpor.

Merece relêvo o comportamento dos jogadores em campo.

Dois casos apenas houve em que os árbitros impuseram a expulsão por desobediência às suas determinações.

As arbitragens continuam a ser dos problemas mais difíceis de resolver, pelas dificuldades que resultam da uniformização do critério a aplicar no julgamento das faltas cometidas. Árbitros há que, com benevolência excessiva, toleram certas faltas — que por outros são julgadas à margem da lei. Tais divergências, influem bastante no desenrolar dos encontros e sobretudo no animo da assistência que, muitas vezes, não vendo os jogos senão pelo prisma do seu favoritismo, protesta perante determinadas decisões dos árbitros. E certo é que, para tal se dar, não são só necessários estes factos... O mal vem de longe e muito há ainda a fazer — e sobretudo a educar, para que determinados actos, presenciados ainda nos campos desportivos, possam desaparecer por completo.

A primeira derrota do Carnide e a primeira vitória do Rio Sêco destacam-se nos jogos da semana passada. A vitória do Benfica, já acima referida, em nada empana o brilho da exibição dos vencidos.

A aguerrida equipa do Rio Sêco, em face de um Lisgás desorganizado e infeliz, soube com energia, logo nos primeiros minutos, colocar-se em vencedora, para nunca mais deixar

Foram estas preciosas qualidades fisiológicas do esquí que permitiram êxitos notáveis nas explorações científicas realizadas no maciço nevado do Himalaia, quando da ascensão aos mais altos cumes do Mundo.

ALBERTO DA SILVA VIANA

esta posição, vitória bonita, julgada impossível de início, mas que o desenrolar do encontro tornou merecedora e natural.

O Unidos, vencedor do Belenenses, galgou um obstáculo difícil, em que Gil teve acção de destaque, como fulcro principal da equipa. O Unidos segue, assim, na série brilhante de vitórias; os encontros a realizar com o Carnide e o Benfica assumem, desta maneira, foros de grande importância.

Algés e Atlético tiveram acção inferior; a vitória de 43-23 a favor do Atlético deve imputar-se principalmente à ausência de Carrelhas e de Maximo.

Campo de Ourique e Sporting venceram respectivamente Operário e Maria Pia, em jogos falhos de interesse e de brilhantismo.

A classificação ficou como segue: Unidos, 15 pontos; Carnide, 13; Benfica, 12; Algés, Atlético, Belenenses e Sporting, 11; Campo de Ourique, 10; Lisgás, 9; Rio Sêco, 7; e Maria Pia e Operário, 5.

## Campeonato Universitário

Prossegue com grande animação o campeonato universitário, no qual há a assinalar as desistências da Faculdade de Direito e da Escola Colonial. Os jogos, disputados perante farta e entusiasta assistência, têm servido de óptima propaganda da modalidade.

Mostram os encontros realizados alguns elementos desconhecidos, de extrema aptidão e habilidade; o seu cultivo com cuidado e preceito só traria benefícios para o desporto universitário.

Como consequência das desistências mencionadas, resulta que, para o campeonato ficar concluído, faltam somente os jogos que Agronomia tem a realizar com Económicas e Ciências, qualquer dêles da maior importância.

A vitória invulgar do I. N. E. F. sobre Colonial, por 107-7, e a de Económicas sobre o Técnico, por 83-14, indicam conjuntos mais treinados, especialmente o primeiro, que disputou com Agronomia um jogo de algum valor técnico.

A F. Ciências, com uma equipa de elementos categorizados, conta por vitórias os jogos disputados; e o encontro a realizar com Agronomia despertará certamente grande interesse, pela importância que tem para a classificação final — que está actualmente como segue: Ciências, 12 pontos; Económicas e Agronomia, 10; I. N. E. F. e Técnico, 9; Colonial, 5; e Direito, 2.

JOÃO ASSUNÇÃO

## DESPORTO MILITAR

Começa hoje a disputar-se o campeonato militar de ginástica

**A** educação física e os desportos têm, como é sabido, acção preponderante na preparação dos soldados, preenchendo uma das não menos importantes facetas da sua actividade. Por isso mesmo, em Portugal, de há muito que a prática da ginástica se generalizou nas diversas unidades, dando, diga-se de passagem, os melhores frutos. E, para que exista espírito de emulação — sempre necessário em todas as actividades, mormente nas desportivas — há alguns anos já que se organiza o Campeonato Militar de Ginástica, que tem por fim avaliar o grau de desenvolvimento da Educação Física, e suas aplicações militares, obtido durante a escola de recrutas.

Ao campeonato deste ano, que se inicia hoje, às nove horas, na Escola do Exército, concorrem as seguintes unidades: Regimento de Infantaria 1; Regimento de Infantaria 11; Batalhão de Caçadores 5; Batalhão de Metralhadoras 1; Regimento de Cavalaria 2; Regimento de Artilharia Pesada 1; G. A. C. 1 e D. A. A. de Lisboa.

**ESTADIUM** dedica esta página aos jogadores de amanhã — os jovens futebolistas que disputam o campeonato de júniores da A. F. L. As fotografias, colhidas por Nunes d'Almeida, mostram exuberantemente que nestes encontros se vê futebol do melhor, com fases cheias de emoção e energia. A sua beleza espectacular dispensa legendas circunstanciadas. Basta dizer ao leitor que os n.ºs 1, 2 e 3 se referem ao desafio Sporting-Benfica (empate por 1-1) e os n.ºs 4 e 5 ao jogo Unidos-Belenenses (vitória dos «azuis» por 3-2)



# Rugby

## O SPORTING VAI RESSURGIR NA PRÁTICA DESTA MODALIDADE!



**A** NOTÍCIA tem o seu quê de sensacional: o Sporting volta a praticar o «rugby». Após sete anos de ausência, as camisolas listradas de verde e branco, que foram estreadas por rugbistas, quando ainda era diferente o equipamento oficial dos «leões», vão este ano reaparecer nas provas da modalidade.

É uma tradição que se reata — e quantas recordações se avivam na memória dos velhos adeptos do atlético jogo: as primeiras tentativas de adaptação do «rugby» em Lisboa, os encontros com os ingleses de Carcavelos, a fundação da A. R. L. e os seus primeiros campeonatos...

Em fins de 1921, um pequeno clube, hoje desaparecido, o Royal Football Clube, impulsionado pelo entusiasmo de alguns franceses praticantes saudáveis do «rugby», formara uma equipa com a qual se exhibiu algumas vezes. A falta de campo de jogos onde treinar criou embaraços fatais, mas o contágio estava assegurado. Reuniram-se uns tantos adeptos mais, cujos animadores eram Maurício Baillehache e Salazar Carreira, os quais, sob as cores do Royal ou como equipa sem filiação, disputaram alguns encontros contra o grupo do Cabo Submarino; depois, debaixo da influência do sportingismo da maioria, transferiram-se esses tantos para o clube leonino, que em 11 de Novembro de 1922 fez a sua primeira apresentação contra o Royal, ao qual bateu por 10-0.

Faziam parte do grupo Baillehache e Salazar Carreira, os eng.<sup>os</sup> Correia Leal e Augusto Sabo, António Soares e Salazar Diniz, Sebastião Herédia, Luís Rebelo da Silva, etc.

Por ser o único dos grandes clubes lisboetas onde o «rugby» era praticado, reuniram-se nos seus grupos certo número de jogadores com filiação noutras colectividades e que mais tarde vieram a constituir o núcleo inicial das respectivas equipas; nasceram assim, por exemplo, o Gimnásio e o Carcavelinhos, sendo curioso ditame do destino que, agora, ao cabo de vinte anos, o ressurgimento sportingulista resulte directamente do ingresso dos jogadores que representavam o Gimnásio.

O caso é muito simples; por diversos motivos, entre os quais o principal foi a impossibilidade de dispor de campo

para treinos, o Gimnásio desistiu da prática do «rugby» e os seus jogadores em bloco ingressaram no Sporting para continuarem, em comum, o jogo favorito.

A nova secção está confiada a uma comissão composta por Vasco Catola, antigo jogador leonino, que nunca deseperou de reviver a actividade do seu clube, António Meira e Vasco Pinto de Magalhães; encontrámo-los no penúltimo domingo, no Estádio, dirigindo animadamente o primeiro treino da equipa, esperançados no êxito dos seus projectos.

— O Sporting retoma no «rugby» um lugar de muita responsabilidade, mas onde todos os amigos deste desporto desejavam vê-lo de novo. A dificuldade era muito grande, porque não se forma uma equipa sem um núcleo experiente, que dê consistência às novas forças; as circunstâncias proporcionaram agora os elementos favoráveis e a tentativa toma vulto de realidade. O ambiente é óptimo e esperamos que se reúnam a nós todos os rapazes adeptos do Sporting que gostem do «rugby», quer o tenham já praticado, quer sejam ainda novatos. Temos a certeza de que há muitos nestas condições — e todos nos são precisos: quanto maior for o recrutamento de praticantes, mais fácil a constituição de equipas e mais provável a sua valorização.

Fôram estas, resumidas, as declarações que nos fizeram os orientadores do redilivo «rugby» leonino; no rectângulo de jogo, a bola oval saltitava de mão em mão entre os jogadores que corriam e, de vez em quando, uma camisola de listras verdes e brancas rolava pelo solo, seguindo as outras no seu caprichoso deambular. E, enquanto as contemplávamos, melancólicos de saúde, lembrou-nos um velho episódio pouco conhecido: o actual equipamento dos sportingistas foi criado para os jogadores de «rugby» e por eles estreado no antigo terreno do Campo Grande, em 19 de Dezembro de 1926, num jogo que terminou empatado a zero pontos. As camisas bipartidas de verde e branco — tão lindas como nenhuma ainda houve no clube — eram impróprias para os jogadores de «rugby», sujeitas a placagens e puxões que provocavam verdadeiras e custosas devastações. Optou-se então por um equipamento especial para a secção e durante alguns anos a equipa vestiu camisolas verdes com um grande leão branco no peito; mas a muitos pareciam demasiado sombrias e tristes.

Salazar Carreira propoz, apoiado pelos seus companheiros da modalidade, a mudança para a camisola listrada e calção branco, porque este pano era mais resistente do que o negro oficialmente adoptado. A ideia foi aceite pela direcção e posta em prática na data que indicamos. Depois, com o andar dos tempos, generalizou-se às outras secções — e hoje figura registada como única nos estatutos do clube.

Os «rugbymens» leoninos dotaram o clube com o seu equipamento actual; há oito anos que deixaram de o usar, mas que em boa hora voltem com êle às competições do seu jogo!



1 — A equipa de «rugby» do Sporting que venceu em 1927 o 1.º Campeonato de Lisboa. Na 1.ª fila: Manuel José, António Holbeche, Jaime da Veiga Pinto, Jaime Ribeiro, Dewetti Beaumais e Arsenio Soares. De pé: António Silva, António Soares, Aiala Botto, António Simões, Luis La Cruz, Estêvão Turck, Chaves da Moura, João Garcia e Salazar Carreira. 2 — No treino inaugural do novo período de «rugby» sportingista, a sr. Aiala Botto, Inspector da D. G. D. e componente da equipa campeã dos «leões» que se vê na outra fotografia, foi convidado a fazer o passe de abertura com dois dos seus companheiros de então — o dr. Salazar Carreira e Afonso Salcedo.







VITÓRIA (G.)-BENFICA: 1 — As rédes do Benfica em perigo, nos últimos minutos... 2 — Como foi marcado o 2.º «goal» dos vimarenenses (fotos Magalhães). 3 — Um remate dos visitantes que causou calafrios — mas Barrigana defendeu; 4 — Lourenço é desarmado a tempo pela defesa setubalense; 5 — Guilhar alivia de cabeça um «canto» de certo perigo (fotos Hermann).

